

# Convivência – Confiança – Solidariedade Desafios do Ecumenismo no Século 21

Roberto E. Zwetsch\*

## Resumo

---

O autor apresenta neste artigo um breve retrospecto do movimento ecumênico na América Latina, destacando a caminhada do CLAI e outras iniciativas em busca da unidade de fé e testemunho evangélicos. Propõe como desafios para um ecumenismo aberto ao século 21 três atitudes que correspondem ao espírito da fé cristã: convivência, confiança e solidariedade a serem desenvolvidas para a credibilidade do testemunho cristão num mundo dividido e contraditório.

---

**Palavras-chave:** *Ecumenismo, missão, movimento ecumênico na América Latina*

---

## Abstract

---

In this article, the author presents a brief historical perspective of the ecumenical movement in Latin America, with attention to the trajectory of the CLAI – Latin American Council of Churches – and other organizations who seek the unity of faith and evangelical testimony. In order to provide an ecumenism open to the 21 century, he proposes three attitudes which belong to the spirit of Christian faith: conviviality, confidence and solidarity. These

---

\* Professor de Teologia Prática e Missiologia de Faculdades EST, em São Leopoldo, RS. Mestre em Teologia Dogmática – Missiologia pela Faculdade N. S. da Assunção, de São Paulo e doutor em Teologia por Faculdades EST. Missionário entre povos indígenas da Amazônia entre 1978 e 1988. Publicou artigos especializados em teologia, missão e cultura, além de vários livros, destacando-se sua tese de doutorado *Missão como compaixão*. Por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. O mesmo livro foi traduzido para o espanhol e publicado pelas mesmas editoras em 2009. rezwetsch@gmail.com

characteristics need to be developed for the credibility of the Christian testimony in a divided and contradictory world.

---

**Keywords:** *Ecumenism, mission, ecumenical movement in Latin America*

---

## Introdução

Permitam-me algumas reminiscências pessoais para introduzir este artigo que escrevo em homenagem a um amigo e amante do ecumenismo não só como critério teológico, mas como sentido de vida e de pertença à caminhada cristã. Zwinglio Mota Dias é de uma geração que abriu caminhos para a renovação da teologia cristã no Brasil e do ecumenismo. Tive pouco contato pessoal com ele porque vivia no sul do Brasil e ele era pastor e professor no Rio de Janeiro. Mas nas oportunidades em que nos encontramos, em especial num breve período em que trabalhei no Programa da Pastoral Protestante no antigo CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação – em São Paulo, eu o conheci como uma pessoa alegre e decidida, que transpirava fé e abertura para o *outro*, tornando-se um inspirador para quem desejasse aventurar-se pelos caminhos do ecumenismo e da fé solidária com nossa gente brasileira. Com este artigo desejo transmitir a ele, sua família e comunidade de fé o apreço por sua vida e testemunho.

Quando ainda estudante de teologia, tive a rara oportunidade de realizar um intercâmbio de estudos no saudoso ITER – Instituto de Teologia do Recife, à época de Dom Helder Câmara. Iniciado no princípio dos anos de 1970 por colegas de estudo da então Faculdade de Teologia da IECLB, hoje Faculdades EST, este intercâmbio foi aprovado pelas duas instituições e contribuiu para que vários de nós, estudantes luteranos, tomássemos um banho de Nordeste e da cultura daquele povo tão diverso, cheio de fé e vivacidade.

Desembarquei no Recife em janeiro de 1974, sendo recebido pelo então reitor do ITER, Padre Humberto Plummenn, também

sociólogo e profundo conhecedor da realidade social de Pernambuco. Fui hospedado gentilmente durante alguns dias por uma congregação de irmãs no antigo Seminário de Olinda e depois fui acolhido no Córrego do Genipapo, no grande bairro de Casa Amarela, pelo padre Reginaldo Veloso e seus companheiros. Com esta pequena comunidade de vida morei durante um ano, tornando-me um luterano entre irmãos e irmãs católico-romanos, algo raro naquela época, principalmente num ambiente totalmente católico. Aprendi muito dessa vivência e do companheirismo que se estabeleceu entre nós. Sou profundamente grato a Reginaldo, Raminho, Pedro, D. Maria e toda a comunidade daquele lugar que me recebeu e tratou como irmão e até filho, às vezes.

Fui aluno no ITER – Instituto de Teologia do Recife, tendo estudado com Humberto Plummenn, Eduardo Hoornaert, Ivone Gebara, Sebastião Gameleira Soares, Valéria Rezende e outros mestres. Com Reginaldo aprendi o que é uma comunidade de base e como fazer a leitura popular da bíblia no meio do povo pobre da periferia. Com ele fui iniciado nos cantos de libertação que, de forma genial, ele compunha a partir da releitura dos Salmos e de profetas como Isaías. Estes cantos me acompanham até hoje e tenho a honra de ter divulgado alguns de seus hinos nas comunidades luteranas, de tal modo que hoje constam dos hinários oficiais da IECLB. Dele trago o testemunho de uma vida dedicada ao sacerdócio com alegria, criatividade e um compromisso de fazer da fé um caminho de encarnação e solidariedade com os mais sofridos no meio do povo. Reginaldo é um grande liturgo e seus hinos se espalharam por todo o país e pela América Latina. Apesar de atualmente estar impedido de celebrar a eucaristia, porque padre casado, seu testemunho não arrefeceu. Ele continua vivendo lá com o povo do Alto da Conceição, ensinando, aprendendo e, sobretudo, cantando a fé e a liberdade que Cristo oferece aos que nele confiam.

No Recife também participei a convite do Pastor luterano Albérico Baeske de um grupo ecumênico chamado *Equipe*

*Fraterna*, que reunia irmãos e irmãs católico-romanos, luteranos, metodistas e episcopais. Aliás, a Igreja Episcopal Anglicana do Recife foi quem acolheu a comunidade luterana em seu templo para os cultos dominicais durante anos, até que os luteranos tivessem local próprio. Na Equipe Fraterna conheci o monge beneditino Marcelo Barros, o pastor metodista Fred Morris, e várias outras pessoas que me serviram de inspiração para a caminhada ecumênica. Mas, sem dúvida, um dos pontos altos daquele período foi ter conhecido e convivido, ainda que brevemente, com o saudoso Dom Hélder, o *Dom*, como o povo o chamava. Lembro-me de uma vigília realizada na periferia do Recife, durante uma noite inteira. A cada estação da caminhada, lá estava o Dom trazendo a reflexão sobre um texto bíblico com sua conhecida e contagiante oratória, incentivando e convocando o povo – uma verdadeira multidão – para a vivência da radicalidade evangélica de Jesus em solidariedade e amor pascais, numa época em que sua voz havia sido totalmente censurada nos meios de comunicação pela Ditadura Militar. Simplesmente, inesquecível! Em termos políticos, tive o privilégio de conhecer pessoas da maior integridade naqueles tempos duros como o falecido senador Marcos Freire e o ex-governador Jarbas Vasconcelos, além de intelectuais como Vamireh Chacon e outros. A música e a cultura nordestinas entraram pelos meus poros, não por último nas cirandas da ilha de Itamaracá, enquanto o teatro e a literatura simplesmente me deslumbraram.

A experiência do Recife, partilhada com outros companheiros de estudo, simplesmente transformou minha vida. Aquele jovem que retornou do Recife em 1975 era outro, e isto foi sentido por colegas e professores de São Leopoldo. Eu costumo dizer que só então compreendi o que significa ser *brasileiro*: essa mistura de gente, costumes, culturas, modos de crer e ser que é marca do nosso povo. Miscigenação que nos desafia reiteradamente a dizer quem somos e o que queremos como povo e nação. Identidade cambiante em permanente construção, sobretudo nestes tempos bicudos do novo século.

## 1. Ecumenismo e Missão – a Novidade do Século 20

Se o século 19 foi considerado por estudiosos protestantes o grande século das missões, o século 20 pode ser caracterizado como o século do ecumenismo entre as igrejas do cristianismo histórico, ainda que o movimento ecumênico não ande em linha reta e sempre em ascensão. É sabido na teologia que as relações entre missão e ecumenismo sempre foram tensas, polêmicas e, por vezes, até de antagonismo. Se missão é entendida como evangelização e conversão a uma determinada denominação, então está descartada a possibilidade de estabelecer uma relação ecumênica. Prevaecem o exclusivismo confessional, a concorrência religiosa e o separatismo. Se, porém, entendemos missão como a ação de Deus que nos chama por igual a sermos seu povo enviado a anunciar o evangelho da salvação para que a libertação das pessoas manifeste o ser à imagem de Deus e assim participar do seu reino, já aqui e agora em meio à transitoriedade do tempo histórico, então ecumenismo – como *busca da unidade no testemunho do evangelho de Deus para que o mundo creia* – torna-se um convite inadiável e comprometedor que convoca cristãos e igrejas de maneira integral e desafiadora.<sup>1</sup>

Missão em perspectiva ecumênica é, pois, um aspecto relevante e necessário numa teologia da missão entendida como com-paixão. Na verdade, é a compaixão divina que proporciona a superação da divisão, da violência real e simbólica, inspirando e fortalecendo um sentido comum de vida e testemunho. Divisões na igreja cristã foram recorrentes desde o início do cristianismo. Mas cabe destacar aqui o escândalo da divisão decorrente da missão moderna, fato profundamente desconfortável que começou a perturbar a consciência cristã, principalmente no final do século 19. Na África, por exemplo, houve disputas de território entre agências missionárias e igrejas protestantes. As organizações missionárias dividiam entre si os territórios a fim

<sup>1</sup> Para o que segue, cf. meu artigo Missão e ecumenismo: desafios e compromissos.

de evitar disputas entre pessoas convertidas,<sup>2</sup> o que acabou por se tornar o embrião de muitos países modernos que ainda hoje carregam, tragicamente, as marcas desse colonialismo religioso, econômico, cultural e político.

O movimento ecumênico moderno nasceu no seio de entidades e igrejas protestantes. Durante o século 19, em que países protestantes se tornaram potências econômicas e políticas mundiais, diferentes igrejas evangélicas desses países enviavam missionárias e missionários a grandes regiões não cristãs do mundo, como a Ásia, a África e as ilhas do Oceano Pacífico. Muitas vezes, numa mesma cidade ou aldeia, pessoas de igrejas cristãs diferentes anunciavam a mesma fé, o mesmo batismo, o mesmo Deus Trino, Pai e Mãe de todos. Essa experiência dolorosa de testemunho dividido do Deus-comunidade motivou muitas igrejas evangélicas da Europa e dos Estados Unidos a se aproximarem cada vez mais uma das outras.<sup>3</sup>

Desde a realização em Edimburgo – 1910, da 1ª Conferência Missionária Mundial com o tema “A evangelização do mundo nesta geração”, sob a liderança do leigo metodista John Mott, o movimento missionário cresceu e se diversificou fazendo com que no século 20 a igreja cristã se tornasse verdadeiramente uma igreja global, presente em todas as partes da ecumene, o mundo habitado. O movimento ecumênico, porém, teve de esperar momento propício, pois as duas grandes guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945) que assolaram a Europa e parte da Ásia retardaram por décadas o seu protagonismo.

As duas grandes guerras destruíram não só países e milhões de vidas humanas, mas também comprometeram a caminhada em busca da paz mundial e a inaugurada caminhada ecumênica, impedindo que o processo de busca da unidade cristã em testemunho, doutrina e ação se configurasse historicamente. Somente após o término da Segunda Guerra, reiniciaram-se as conversações e encontros que culminaram na formação, em

<sup>2</sup> James A. SCHERER. *Evangelho, igreja e reino*. Estudos comparativos de teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1991, p. 17-22.

<sup>3</sup> CONIC-CLAI. *Diversidade e comunhão*, p. 23.

1948, do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em assembleia reunida em Amsterdam, Holanda. Sua sede foi estabelecida em Genebra, Suíça, onde se encontra até hoje.

Desde então, o CMI vem desenvolvendo um incansável esforço pela causa da unidade cristã em todo o mundo, no sentido de concretizar a palavra conhecida da oração sacerdotal de Jesus em João 17.21. As Conferências Missionárias, principalmente depois que o Conselho Missionário Internacional decidiu incorporar-se ao CMI (1961), tornaram-se um fórum privilegiado para o debate e o entendimento das questões relativas à missão, ao diálogo mútuo, à causa da justiça social e às transformações que acontecem no mundo. As unidades de trabalho do CMI demonstram a vitalidade dessas discussões e das ações que se seguiram. O CMI teve um papel importante no estudo das questões relativas à doutrina cristã, ao ministério eclesiástico e à justiça social, prestando desta forma um inestimável serviço em prol da paz no mundo e da unidade do testemunho evangélico.

A Conferência de Missão e Evangelização acontecida em Salvador (BA), em 1996, sob o tema “Chamados a uma mesma esperança: o evangelho nas diferentes culturas”, afirmou que o evangelho único só pode se expressar de diferentes formas segundo cada cultura humana. Isto significa que o desafio missionário que temos pela frente é reconhecer que, assim como o evangelho interpela as culturas, estas por sua vez se tornam veículo para uma compreensão relevante e encarnada do evangelho no contexto das culturas e num mundo marcado atualmente por contrastes cada vez mais graves e conflituosos. Essa Conferência assumiu um grande compromisso: respeitar as culturas e avançar no entendimento da relação mútua entre evangelho e culturas. Na Mensagem da Conferência foi escrito: “o Espírito derramado no dia de Pentecostes faz de todas as culturas veículos potenciais do amor de Deus, daí que nenhuma cultura pode pretender a exclusividade de veicular o relacionamento de Deus com os seres humanos”<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Roberto E. ZWETSCH . Evangelho, missão e culturas – o desafio do século XXI, p. 221.

O movimento ecumênico demorou a deslanchar na América Latina. No âmbito do catolicismo, sob os ares renovadores do Concílio Vaticano II (1962-1965) e a clarividência do Papa João XXIII, as Conferências Episcopais de bispos católico-romanos de Medellín (1968) e Puebla (1979) serviram como sinais alentadores para as igrejas protestantes, abrindo canais de diálogo e de uma presença protestante não apenas tolerada, mas respeitada em sua integridade de fé e testemunho. Nas últimas Assembleias de bispos no Brasil e, em 2007, na V Conferência da CELAM – Conferência Episcopal Latino-Americana, realizada em Aparecida do Norte (SP), a presença de observadores protestantes serviu para demonstrar abertura e acolhimento, o que se pôde notar até mesmo em algumas breves formulações no documento final.

No campo protestante, as iniciativas ecumênicas foram crescendo gradativamente. Do ponto de vista da história das organizações, há um excelente estudo feito pela jornalista argentina Dafne Sabanes Plou, já traduzido ao português.<sup>5</sup> Antes do surgimento do CLAI – Conselho Latino-Americano de Igrejas, houve um forte movimento pró-união evangélica, cujos inícios se pode situar na Conferência do Panamá em 1916. A cooperação inicialmente se deu com a formação das sociedades de difusão da bíblia e com as associações cristãs de jovens. Mais tarde vieram os projetos de literatura evangélica, a radiodifusão protestante, o projeto de Evangelismo em profundidade (Dr. Kenneth Strachan, da Missão Latino-Americana, anos de 1960), as conferências evangélicas latino-americanas (CELA I, 1949, Buenos Aires), a formação da comunidade internacional de estudantes evangélicos, os congressos latino-americanos de evangelização, de cujo primeiro, realizado em Bogotá (1969), surgirá a Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL), em Cochabamba, Bolívia, em 1970. Para o desenvolvimento da teologia da missão no âmbito de muitas igrejas evangélicas latino-americanas oriundas do movimento missionário, a FTL se

<sup>5</sup> Cf. Dafne Sabanes PLOU. *Caminhos de união*. Itinerário do diálogo ecumênico na América Latina.

tornou um referencial importante de estudos, aprofundamento bíblico e teológico, mas, sobretudo, de questionamento de certas práticas e ênfases missionárias protestantes.<sup>6</sup> Foi no âmbito dessa organização de teólogos evangélicos que surgiu a proposta da *missão integral*, cujo representante maior é o teólogo René Padilla, junto com Samuel Escobar, Emílio Nuñez, Orlando Costas e outros. É importante destacar que foi esta concepção de missão integral que trouxe um ar de renovação ao Movimento de Lausanne, inspirando o famoso Pacto de Lausanne de 1974, referência para a participação social de muitos cristãos evangélicos na atualidade.

O movimento ecumênico, que redundou na formação do CLAI, teve como precursores os movimentos de jovens evangélicos que trabalharam pela unidade, como ULAJE (União de Juventudes Evangélicas Latino-Americanas), MEC (Movimento Estudantil Cristão) e, nos anos de 1960, a organização de ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina. Nomes importantes da Teologia da Libertação são oriundos de ISAL, como Rubem Alves, José Míguez Bonino, Julio de Santa Ana, Julio Barreiro e muitos outros. Igualmente Hugo Assmann, Héctor Borrat e outros teólogos católicos encontraram em ISAL espaço fraterno para desenvolver suas pesquisas e dar continuidade a sua prática solidária com os movimentos sociais.

O movimento pró-unidade evangélica (UNELAM), surgido no final dos anos de 1960, desempenhou um importante papel na formação do CLAI, que aconteceu provisoriamente em 1978, a partir da Assembleia de Oaxtepec, México, mas efetivamente constituído em 1982, em Huampaní, Peru, congregando um amplo espectro de igrejas evangélicas e pentecostais. A constituição do CLAI foi considerada como “sinal do Reino, pois com ela se vai fazendo realidade a oração de Jesus Cristo de que sejamos um para que o mundo creia. O CLAI quer representar a *unidade*

<sup>6</sup> Cf. Luiz LONGUINI NETO. *O novo rosto da missão*. Os movimentos ecumênico e evangélico no protestantismo latino-americano. Nesse estudo o autor traça uma esclarecedora história de todo este processo e de como nele se foram definindo certas linhas características de uma teologia da missão protestante na América Latina.

*para a missão*, que é também unidade em solidariedade para a justiça”.<sup>7</sup> Sua sede foi estabelecida em Quito, Equador, e seu atual secretário executivo é o Pastor luterano Nilton Giese. Na Assembleia de 2001, realizada em Barranquilla, Colômbia, o CLAI se reuniu sob o tema “Livres para construir a Paz”, significativo porque corajosamente escolheu um tema urgente num país conflagrado por guerrilhas, grupos paramilitares e repressão violenta por parte do estado nacional. Esta Assembleia assim definiu sua missão no início do século 21:

O CLAI é e deve ser um espaço de diálogo e interação das igrejas e comunidades de fé, animado por uma teologia profética e comprometida que denuncia a opressão social, econômica, política e de qualquer outra índole e focado na preeminência do amor, da paz, da justiça e da vida plena. Essa visão de profecia e anúncio deve dar-se num espírito de respeito às culturas, à diversidade, em diálogo transparente [...]. O CLAI deve manter sua missão anunciadora da boa notícia e colaborar com suas igrejas no desenvolvimento de uma pedagogia que nos leve da retórica à ação, da erudição bíblica à função sanativa e restauradora em todos os âmbitos e experiências em que estão imersas. Nesse agir pastoral e sanativo com nossas igrejas reafirmamos o compromisso evangélico, ecumênico e profético que nos vem de Oaxtepec e Huampaní.<sup>8</sup>

O CLAI vem se renovando a cada período, sendo que atualmente seu ministério conta com o apoio de cinco regiões que correspondem a áreas de presença eclesial na América Latina e Caribe. Conta com um bom serviço editorial realizado em Quito, publicando e distribuindo importante literatura teológica atualizada entre as igrejas e instituições teológicas latino-americanas e caribenhas. Desde 2010 participa do Fórum Ecumênico de Educação Teológica da América Latina e Caribe, um espaço que reúne diferentes associações teológicas da região e que conta com o apoio do Programa de Educação Teológica do CMI. Dois

<sup>7</sup> Cf. Dafne Sabanes PLOU. *Op. Cit.*, p. 169.

<sup>8</sup> Cf. Walter ALTMANN. A trajetória do CLAI de 1988 a 2001; Indaiatuba, Concepción, Barranquilla. In: Dafne Sabanes PLOU. *Op. Cit.*, p. 209.

periódicos se destacam como veículos de informação e debate teológico: o mensário *Nuevo Siglo* e a revista *Signos de Vida*.

## 2. A Diversidade como Marca do Ecumenismo Latino-americano

O movimento ecumênico protestante, entretanto, é mais diversificado que o próprio CLAI. Igrejas livres, agências missionárias, missões de fé, igrejas pentecostais e movimentos evangélicos identificados como o Movimento de Lausanne e a Associação Evangélica Mundial, que manifestam divergências teológicas e reservas tanto no que se refere ao CMI quanto ao CLAI, há mais de cinco décadas vêm organizando o seu movimento de unidade evangélica, que ganhou expressão mais visível com os CLADES – Congressos Latino-Americanos de Evangelização [CLADE I, 1969, Bogotá]. O CLADE IV se reuniu em Quito, em 2000, sob o tema “O testemunho evangélico para o terceiro milênio: palavra, espírito, missão”, formulação que dá uma ideia da importância que a missão na força do Espírito Santo tem para este setor das igrejas evangélicas, possivelmente majoritário em termos de igrejas e pessoas crentes. Dentre os compromissos assumidos nesse Congresso, destaco os seguintes pela relevância em termos de uma visão evangélica mais comprometida com a realidade das maiorias empobrecidas da América Latina:

- ser uma comunidade encarnada na sociedade e, a partir dela, viver com fidelidade todas as demandas do evangelho.
  - ser igrejas de adoração, serviço, fé, esperança, justiça e amor, que se convertam em comunidades alternativas para a nossa sociedade.
  - valorizar e incluir todos os grupos sociais e culturais excluídos (crianças, jovens, mulheres, negros, indígenas, incapacitados, imigrantes, etc.) como sujeitos a quem também é dirigido o evangelho do reino de Deus.
- [...]
- participar na missão de Deus, dando testemunho integral do evangelho, vivendo uma espiritualidade cristã inclusiva, exercendo uma mordomia da criação que coloque o material a serviço do

espiritual e o poder em benefício dos demais e para a glória de Deus, e promovendo reconciliação entre raças, classes sociais, sexos, gerações e do homem com o meio ambiente.

- viver a esperança escatológica do reino de Deus na sofredora América Latina de hoje, participando ativamente nos processos da sociedade civil que promovam e defendam a vida e a dignidade humana.

○ documento final conclui solicitando que se “busque intensamente a direção e ação do Espírito Santo na vida da igreja” para que esta não esqueça seu compromisso de evangelização transcultural na perspectiva da missão integral.<sup>9</sup>

Se considerarmos apenas estes dois campos dentro do protestantismo latino-americano, sem contar o cada vez mais influente campo das igrejas pentecostais e livres, há que reconhecer que vivemos uma verdadeira efervescência no debate teológico evangélico da América Latina, mas que apresenta igualmente fissuras e impasses. Enquanto observamos grupos e pessoas de alta responsabilidade que lutam pela unidade, lamentavelmente de outro lado, há setores que mantêm posições contrárias ao avanço ecumênico, exacerbando o anticatolicismo característico do protestantismo de missão que marcou a história da América Latina desde meados do século 19.<sup>10</sup>

### 3. Ecumenismo de Base – Desafio ao Ecumenismo Institucional

Um aspecto importante nessa retrospectiva foi a emergência, a partir dos anos de 1960, de um *ecumenismo de base* na América Latina, cujos rumos se diferenciam do *ecumenismo institucional*,

<sup>9</sup> Cf. LONGUINI NETO, L. *Op. Cit.*, p. 217.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 151-217. Vale conferir ainda: Israel Belo de AZEVEDO (Ed.). *A missão da unidade. O debate entre evangélicos e católicos sobre a missão.* Samuel ESCOBAR. *Desafios da igreja na América Latina.* História, estratégia e teologia das missões. Este autor faz uma saudável autocritica ao individualismo protestante e seu espírito competitivo que “impede a cooperação entre os evangélicos em missões” (p. 63). Ao mesmo tempo, faz um surpreendente elogio das comunidades eclesiais de base por sua vinculação com o estudo da palavra do evangelho e a abertura ao dinamismo do Espírito.

embora não esteja desvinculado dele, em última instância. Um estudo feito em relação ao Brasil afirma que o ecumenismo de base é visto pelas pessoas que dele participam desde suas práticas concretas. Como uma pessoa do meio popular o definiu: “ecumenismo de base é quando o povo trabalha junto, luta junto por uma causa”.<sup>11</sup> Gerhard Tiel afirma, no entanto, que não dá para entender este tipo de ecumenismo sem sua conexão com o ecumenismo eclesiástico, das reuniões de cúpula, dos grupos institucionais de estudo e das declarações oficiais. Um de seus entrevistados assim esclareceu a questão:

O ecumenismo de base, assim como o entendo, começa pelo conhecimento e respeito mútuo das distintas tradições eclesiais ou eclesiásticas que haja. A isso, deve-se acrescentar um compromisso de luta, uma opção pelos pobres. [...] Não creio que o ecumenismo seja ‘simplesmente trabalhar com os pobres’ e nos respeitarmos. Creio que também [...] é a contribuição para a vivência da fé das distintas tradições.<sup>12</sup>

Na perspectiva do ecumenismo de base, viver a fé tem implicações no exercício da cidadania, tanto na igreja quanto na sociedade. Um evangelho que passe ao largo das situações concretas vividas pelos povos latino-americanos, e, especialmente, pelas maiorias empobrecidas e fragilizadas pelos modelos econômicos e sociais injustos e desiguais, não reflete nem é fiel ao anúncio do evangelho de Jesus de Nazaré. Conseqüentemente, para exercer a tarefa da missão de Cristo é necessário abrir olhos e corações para esta gente que Deus ama e a quem Deus envia as suas comunidades. Aliás, é no meio dessas pessoas que muitas vezes encontramos as comunidades cristãs mais vivas e participativas. Tiel caracteriza este ecumenismo de base com a expressão *ecumenismo integral* e o compreende como um ecumenismo de fé que socorre, apoia e se faz solidário com o povo trabalhador. O bispo emérito de Goiás (GO), Dom Tomás

<sup>11</sup> Gerhard TIEL. *Ecumenismo na perspectiva do reino de Deus*. Uma análise do movimento ecumênico de base, p. 100.

<sup>12</sup> Ibid.

Balduino, ao falar desse tipo de ecumenismo, o diferencia de um ecumenismo meramente funcional. O depoimento do falecido pastor luterano Bertholdo Weber completa a explicação:

O ecumenismo que não se encarna nas bases e que não é um ecumenismo do povo e com o povo, não terá futuro. [...] O mais importante é a experiência comum da presença de Deus nas bases, entre os pobres, oprimidos, entre aqueles que sofrem, os marginalizados e discriminados. Onde o rosto de Cristo transparece nos seus ‘irmãos mais pequeninos’, é lá onde o Senhor da igreja nos espera para o servirmos em resposta ao amor com que Ele nos serviu primeiro.<sup>13</sup>

Tiel procurou saber o que exatamente pode se entender por *base* nesses depoimentos e afirmou que não são simplesmente “os pobres” como uma leitura superficial poderia sugerir. Em sentido orgânico e integral, *base* aqui pode compreender “todas as pessoas comprometidas com a libertação estrutural dos oprimidos. A ecumenicidade dos grupos de base é fundamentada em termos formais sócio-políticos ou então eclesiologicamente”.<sup>14</sup> Nesse tipo de ecumenismo, a prática de libertação, a pertença à igreja e a vivência da fé no evangelho do reino fazem parte de uma só *caminhada de fé*. E este tipo de ecumenismo é bastante exigente, expressando-se amiúde em celebrações vibrantes, que dão alento às pessoas que dele participam e inspiram o sentido da busca por unidade visível de fé, vida e testemunho.

#### 4. Missão e Ecumenismo – Pastorear a Esperança

Danilo R. Streck, educador cristão, escreveu sobre os desafios da prática pastoral na América Latina. Ele sugeriu que um dos desafios das comunidades cristãs contemporâneas em tempos pós-modernos é “pastorear a esperança”, numa feliz expressão que

---

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> Ibid, p. 101.

obviamente remonta à *pedagogia da esperança* de Paulo Freire. Esta proposta de uma educação da esperança se realiza como

cuidar da esperança frágil, de buscar a esperança perdida, de orientar a esperança sem rumo, de esperar contra toda esperança. Como cristãos não temos nenhum atalho que nos permita um conhecimento privilegiado da modernidade ou de qualquer outra questão da realidade. Vivemos as mesmas contradições e buscas de todas as outras pessoas. Nesse sentido, lembra Néstor Míguez, nosso testemunho – enquanto gerado em nós pelo Espírito – não se orienta pelo que “sabemos”, mas por quem amamos e pelo que esperamos.<sup>15</sup>

Missão e ecumenismo, portanto, são realidades concomitantes e mutuamente condicionantes. Por esta razão é que afirmo ser necessário e urgente compreender a vocação cristã em chave *ecumênica*, como também defendem David J. Bosch e tantos outros missiólogos e missiólogas de nosso tempo.<sup>16</sup> Esta afirmação pode ser fundamentada de maneira muito simples: não podemos culpar Deus por nossas divisões, fruto de circunstâncias históricas e de idiosincrasias de pessoas de fé, que com frequência justificaram suas posições honesta e firmemente. Mas há mais a dizer: o acesso a Jesus não acontece de modo direto, mas sempre por mediações históricas e visíveis: sua palavra – o evangelho traduzido e trazido a nós por meio da língua grega e tantas outras línguas atualmente; a liturgia cristã, os sacramentos, os credos, a comunidade ou igreja enviada ao mundo e sua longa e complexa história. É por meio desses instrumentos ou canais de comunicação que Deus fala, e ele sempre o faz por intermédio de pessoas humanas, às quais ele dá o seu Espírito que age, impulsiona e encoraja para crer em Jesus e anunciá-lo como o Cristo de Deus. Por meio do seu Espírito, ele promete estar entre nós, não importa a grandeza, número

<sup>15</sup> Danilo R. STRECK. Teologia prática e práticas pastorais na América Latina, p. 113. Streck cita um manuscrito de Néstor MÍGUEZ. *Desafios éticos y pastorales*. CLAI – Consulta sobre Mercosur.

<sup>16</sup> David J. BOSCH. *Missão transformadora*. Mudanças de paradigma na teologia da missão, p. 551-553; 576-584.

ou qualificação de seus seguidores e seguidoras (Mateus 18.20; 1 Coríntios 1.26ss; 11.23ss; Atos 2.42ss). Esta é precisamente uma característica cristã: as pessoas não se bastam a si mesmas, mas vivem e caminham em comunhão (*koinonia*, em grego), sob um mesmo Espírito. O apóstolo Paulo ensinou:

ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo. Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. [...] Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas cousas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada qual, individualmente (1 Coríntios 12.2-6; 11).

A caminhada ecumênica será, portanto, uma caminhada *espiritual*, entendida no seu sentido prático, histórico, sem esquecer nossos pecados (infidelidade ao evangelho, divisões, luta pelo poder, maledicências, calúnias, e tantos outros). E ela será tanto mais espiritual quanto menos ignorarmos os clamores que vêm das ruas, das profundezas da noite em que vive boa parte de nossos povos. Esta dimensão espiritual, entretanto, aprende cada dia a compartilhar com as pessoas a alegria e a festividade, características marcantes dos povos da América Latina, a despeito da desmedida pobreza e sofrimento que se lhes impõem. Nesse sentido, é sintomático, a meu ver, que a recém eleita presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, em seu discurso de posse, comprometeu-se a erradicar da miséria milhões de brasileiros e brasileiras que ainda padecem da pobreza extrema. E isto como ponto de honra de seu governo.

Na verdade, é esta alegria popular que alimenta a esperança e a busca de soluções para os graves problemas gerados por uma sociedade injusta e, com frequência, perversa. Por isto, a caminhada ecumênica pode significar, em certos casos, carregar pesada cruz, em termos de perseguição e incompreensões de toda sorte. Ainda assim, há que levá-la adiante segundo a vocação a que fomos chamados.

O futuro do ecumenismo em termos missionários está vinculado à capacidade das igrejas e das pessoas de fé que aceitaram o chamado de Cristo em assumir um *testemunho comum* para superar, tanto quanto possível, qualquer espécie de divisão e concorrência entre as igrejas cristãs, promovendo, assim, maior *credibilidade* ao anúncio do evangelho. Bosch examinou o significado do Vaticano II para o ecumenismo e escreveu que aquele concílio representa um verdadeiro milagre para o cristianismo do século 20. Para Bosch, a constituição *Lumen Gentium* apresentou uma igreja muito diferente para as igrejas protestantes. Pois o documento conciliar afirma categoricamente que aqueles “que portam o selo do batismo que os une a Cristo [...] estão, deveras, vinculados a nós, de alguma forma real, no Espírito Santo” (LG 15). Acrescenta ainda que, à luz do documento *Ad Gentes*, se tornou impossível continuar vendo cristãos não-católicos como objetos de missão. Referindo-se ao Decreto sobre o Ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*), considerou-o “o mais importante evento isolado na história um tanto alarmante do movimento ecumênico”.<sup>17</sup>

Lamentavelmente, estas afirmações, fruto de longo diálogo e de busca por unidade, nem sempre se realizam em práticas ou ações conjuntas. Temos presenciado ora retrocessos institucionais como aconteceu com alguns documentos do Papa João Paulo II,<sup>18</sup> ora dificuldades nas relações entre comunidades locais. Por isto, o ecumenismo será uma busca permanente em meio à pluralidade de manifestações da mesma fé e da diversidade de situações e histórias de vida. Bosch defende a ideia de uma

<sup>17</sup> Ibidem. conferir 3a edição, p. 552.

<sup>18</sup> Cf. *Ecclesia de Eucharistia*, 2003, na qual o Papa não reconhece nenhuma outra igreja como plenamente cristã a não ser a igreja católica-romana. O atual Papa Bento XVI na mesma linha tem feito declarações que suscitam grande preocupação para a caminhada ecumênica, ainda que tenha aprofundado seu apoio aos diálogos tanto com igrejas cristãs como com líderes de outras religiões, particularmente o islamismo. Em sua passagem pelo Brasil, em maio de 2007, o encontro protocolar com lideranças protestantes e de outras religiões, infelizmente, deixou a desejar em termos de um sinal mais vigoroso no rumo da causa ecumênica.

*unidade na diversidade reconciliada*.<sup>19</sup> Tal unidade tem seu centro irradiador em Jesus Cristo e no seu poder unificador e libertador. Assumindo esta visão, podemos convergir em oração e ação, como fidelidade e serviço na busca da verdade nossa e do mundo em que vivemos e do qual participamos como pessoas e igrejas.

## 5. Convivência, Confiança e Solidariedade – por um Ecumenismo Compassivo e Solidário

Algumas conclusões práticas que imagino se possa tirar dessa visão da articulação entre missão e ecumenismo têm a ver com o que Rudolf von Sinner chama de uma *hermenêutica ecumênica* que se baseia na *convivência* mútua baseada na *confiança*.<sup>20</sup> Se, para a solução de graves problemas sociais, a confiança é um dos passos mais importantes a ser dado para restabelecer as relações de convivência e criar possibilidades de reconstrução de uma sociedade democrática, quanto mais não será o caso nas relações ecumênicas. Von Sinner entende que confiar significa várias coisas: apostar, arriscar confiança no outro; ou ainda, ceder

<sup>19</sup> Cf. também Harding MEYER. *Diversidade reconciliada – o projeto ecumênico*. O autor explica que “unidade na diversidade reconciliada” não significa que as diversidades sejam apagadas, muito menos que sejam simplesmente conservadas ou mantidas sem alterações. O que acontece é que, efetivamente, elas perdem seu caráter de divisão e são mutuamente reconciliadas (p. 23).

<sup>20</sup> Rudolf von SINNER. *Confiança e convivência*. Aportes para uma hermenêutica da confiança na convivência humana, p. 127-143, 2004. Leonardo BOFF. *Virtudes para um outro mundo possível*. Nesse livro, L. Boff retoma a convivência com os diferentes como um aprendizado mútuo. A seu ver a convivência significa: aproximar-se, ver, compadecer-se e cuidar. Em sua reflexão sobre a parábola do bom samaritano (Lucas 10.30-38), ele afirma que o bom samaritano vê o outro com os olhos do coração. “Por isso enche-se de ‘com-paixão’” (p. 21). Ele confirma que a categoria *convivência* nasceu no Brasil a partir de duas experiências: a) a pedagogia de Paulo Freire; b) a experiência das CEBs e a partir delas a reinvenção da igreja a partir da fé do povo e das bases sociais. O que importa nessa categoria é ressaltar que ela ensina a conviver com as diferenças, sem apagá-las. Na convivência ocorre o aprendizado do *viver* com elas e não *apesar* delas (p. 33). Nesse aprendizado foi muito importante a convivência com os povos indígenas como no caso das Irmãs de Jesus entre os Tapirapé do Mato Grosso. Para exemplos no campo da pastoral protestante entre indígenas, cf. Lori ALTMANN. *Convivência e solidariedade*. Uma experiência pastoral entre os Kulina (*Madjia*). Scilla FRANCO. *Minha prece*. Coletânea de textos indígenas e missionários.

confiança como um investimento prévio, sem ter certeza quanto aos resultados que esta confiança adiantada pode oportunizar. Numa terceira acepção, trata-se de confiar numa ética maior, com alto nível de exigência. Ele dá um exemplo a partir da prédica de Jesus: “Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão” (Lucas 12.48). Um quarto aspecto é entender confiança como dádiva, não como obrigação. O exemplo que ele agrega é muito esclarecedor. A *Comissão de Verdade e Reconciliação*, instalada na África do Sul após o fim do regime de *apartheid*, com a grande inspiração do líder Nelson Mandela, fez a tentativa de tornar públicas muitas das atrocidades cometidas, principalmente por policiais brancos contra pessoas negras. Enquanto teve êxito em revelar a verdade, houve grande dificuldade para chegar à reconciliação entre as pessoas. Por quê? Ora, confiança não pode ser imposta a ninguém. “A confiança funciona apenas quando dada na gratuidade. É dádiva”. Reconciliação exige um alto grau de confiança e esta só pode ser gratuita e desarmada. Por fim, von Sinner ressalta o aspecto de que a confiança não pode ser ingênua, mas deve estar alicerçada em boa informação.

A convivência é um correlato da confiança. Não basta a coexistência, é preciso aprofundar as relações mútuas para que a convivência se torne algo investido de valor e de confiança. A convivência e a amizade que experimentei, principalmente, entre os Suruí de Rondônia e os Kulina, do alto Purus, Acre, muito me ensinou. Pois aquilo que chamamos de *pastoral da convivência* foi possível somente como resultado de uma relação de amizade, confiança e aprendizado mútuos que as duas comunidades nos proporcionaram, a mim e minha família. O mais extraordinário é que esta experiência continuou e se aprofundou com o trabalho de outros colegas, estimulando o compromisso da igreja com os povos indígenas no sentido de que o protagonismo deve ser deles mesmos, como se observa nas linhas programáticas do COMIN – Conselho de Missão entre Povos Indígenas da IECLB.

Tomando estas proposições para a vivência ecumênica e missionária, pode-se dizer que é justamente a *falta* de confiança, o preconceito e o sectarismo, pensando num vasto conjunto de relações conflituosas, que conspiram contra o testemunho comum da mesma fé. Em certo sentido, a contradizem. Com base no evangelho e no Espírito de Cristo que chama à unidade, o desafio que temos pela frente é *adiantar a confiança* (Dietrich Ritschl, apud von Sinner) e comungar juntos a ceia do Senhor, se há concordância entre as comunidades de fé, mesmo quando ainda não temos resolvido todas as diferenças doutrinárias ou institucionais. O professor R. von Sinner conclui: “tudo depende da compreensão do que seja doutrina. Mas não há dúvida de que, sem apostar na outra igreja e adiantar confiança, nunca haverá ecumenismo, nem comunhão de fé”.<sup>21</sup>

Tal desafio é também um desafio *missionário*, pois diz respeito a Cristo, ao seu reino e sua obra em prol da humanidade. É por isso que costumo dizer que a caminhada ecumênica é árdua, sim, mas também cheia de aventura, alegria e esperança. Nas últimas décadas, ela foi se ampliando para a relação com outras religiões a ponto de surgir um novo conceito: o *macroecumenismo*, cujo desafio recém começa a ser assumido na teologia e na relação institucional das igrejas. Há quem afirme que, na vida das pessoas, as relações inter-religiosas são uma constante e as pessoas lidam com as diferenças de uma forma bem mais tranquila que as autoridades eclesásticas ou teólogos e teólogas. Já no clássico romance brasileiro *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, o tema aparece quando o protagonista afirma: “de todas bebo um pouco”. Em sendo assim e nesse nível das relações entre pessoas de distintas tradições, acredito que as atitudes aqui apresentadas podem igualmente servir para uma respeitosa e frutífera caminhada conjunta.

Um romance de Graham Greene, *Monsenhor Quixote*, traduz de certa forma este desafio ao narrar a respeito da amizade que, na Espanha franquista, se estabeleceu entre um político ateu

<sup>21</sup> R. SINNER. *Op. Cit.*, p. 142.

e um monsenhor que se tornou bispo já ao final de sua vida ativa, mesmo contra sua vontade. Antes de assumir o novo cargo, o monsenhor e seu amigo prefeito, em fim de mandato, resolvem fazer uma última viagem para aproveitar da liberdade que ainda podem gozar como pessoas bem vividas e que encontraram uma forma de entendimento mutuamente fraterna e, até, ousada. No transcurso da viagem, em meio a diálogos de rara beleza e profundidade sobre o sentido da vida e a profundidade da existência humana, o monsenhor adoece gravemente e vem a falecer. A cena final da entrada do político na igreja para reverenciar o amigo falecido é de uma força simbólica extraordinária. Ainda que seja ficção, percebe-se nessa narrativa uma visão utópica de um novo mundo que pode despontar cada vez que a esperança, a confiança desarmada e convivência solidária dão-se as mãos, apesar das diferenças que separam pessoas, instituições e até mesmo nações.

Em suma, quem decide entrar nesse barco, geralmente não consegue abandoná-lo. A trajetória de vida e ecumenismo do professor Zwinglio Mota Dias é um bom exemplo do que estou afirmando. Ora, tal experiência profunda nasce do encontro com o outro e do aprendizado mútuo, tendo por meio o Espírito da paz e da unidade. Ela nasce, portanto, de relações de amizade e convivência que vão conduzindo as pessoas a uma compreensão mútua marcada pela confiança, pela capacidade de exercer perdão e aceitação. Não por último, pela solidariedade. Sem estas qualidades, nem o ecumenismo nem a missão avançam.

## Referências

ALTMANN, Lori. *Convivência e solidariedade*. Uma experiência pastoral entre os Kulina (*Madija*). Cuiabá: GTME; São Leopoldo: COMIN, 1990.

AZEVEDO, Israel Belo de [Ed.]. *A missão da unidade*. O debate entre evangélicos e católicos sobre a missão. Trad. Irmã Socorro do Rosal [Irmãs Franciscanas de Allegany]. Belo Horizonte: Missão, 1989.

BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*. Vol II: Convivência, respeito e tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006.

BOSCH, David J. *Missão transformadora*. Mudanças de paradigma na teologia da missão. Trad. Geraldo Korndörfer e Luís M. Sander. 3ª ed. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2009.

CONIC-CLAI. *Diversidade e comunhão*. São Paulo: Paulinas, Sinodal, 1998.

ESCOBAR, Samuel. *Desafios da igreja na América Latina*. História, estratégia e teologia das missões. Viçosa: Ultimato, 1997.

FRANCO, Scilla. *Minha prece*. Coletânea de textos indígenas e missionários. São Bernardo do Campo: Editeo, Imprensa Metodista, 1992.

LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão*. Os movimentos ecumênico e evangélico no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002.

MEYER, Harding. *Diversidade reconciliada – o projeto ecumênico*. Trad. Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2003.

MÍGUEZ, Néstor. *Desafíos éticos y pastorales*. CLAI – Consulta sobre Mercosur. Porto Alegre, 1992.

PLOU, Dafne Sabanes. *Caminhos de unidade*. Itinerário do diálogo ecumênico na América Latina. Com posfácio de Walter Altmann. Trad. Madalena Z. Altmann e Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, CLAI, 2002.

SCHERER, James A. Evangelho, igreja e reino. In: *Estudos comparativos de teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, p. 17-22, 1991.

SINNER, Rudolf von. Confiança e convivência. Aportes para uma hermenêutica da confiança na convivência humana. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 44, n. 1, p. 127-143, 2004.

STRECK, Danilo R. Teologia prática e práticas pastorais na América Latina. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph [Org.]. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: ASTE, Sinodal, 1998.

TIEL, Gerhard. *Ecumenismo na perspectiva do reino de Deus. Uma análise do movimento ecumênico de base*. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 1998.

ZWETSCH, Roberto E. *Evangelho, missão e culturas – o desafio do século XXI*. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: ASTE, Sinodal, 1998.